

Novas drogas ajudam portador de Parkinson

Doença não tem cura, mas acompanhamento adequado garante vida melhor ao paciente

MARIA LÍGIA PAGENOTTO

Já é possível viver bem com a doença de Parkinson. Pesquisas em torno de novos medicamentos que possam aliviar os sintomas do mal estão entre as que recebem mais atenções por parte de especialistas no mundo todo. E, embora a doença não tenha cura, um acompanhamento adequado garante ao portador uma vida com qualidade, asseguram neurologistas.

Descrita em 1817 pelo médico inglês James Parkinson, a doença, que atinge o sistema nervoso central, não tem ainda suas causas totalmente decifradas pela ciência.

O que se sabe de concreto é que pessoas que sofrem do problema apresentam uma degeneração das células do cérebro que produzem a dopamina, um neurotransmissor que rege, entre outras coisas, os movimentos. Os sintomas do mal de Parkinson estão relacionados à ausência desse neurotransmissor. Os sinais mais conhecidos são os tremores, a lentidão de movimentos e a rigidez muscular.

Mais velhos — A doença, lenta e gradualmente progressiva, atinge, sem distinção de sexo, 0,5% das pessoas até 50 anos. Acima dos 60 anos, a incidência sobre a população é de 1%. Mas a literatura médica também registra casos de mal de Parkinson em pacientes adolescentes ou na faixa dos 30 anos.

"Ainda não sabemos por que os neurônios morrem", afirma o neurologista Egberto Reis Barbosa, responsável pelo grupo de estudos de movimentos anormais do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo. Segundo ele, nas pessoas com a doença são os neurônios da chamada substância negra do cérebro — responsáveis pela atividade motora — que estão afetados.

"A atividade motora é regulada pela ação da dopamina e é na substância negra que se concentram as células produtoras desse neurotransmissor", explica Barbosa. Segundo ele, esses neurônios estão integrados ainda no circuito dos gânglios da base — grandes massas de substância cinzenta, situadas profundamente no cérebro. "Para que os movimentos sejam perfeitos, é preciso que o circuito dos gânglios da base funcione corretamente", afirma o especialista. A substância negra, segundo o médico, também está integrada neste circuito.

Idade — "A dopamina é uma substância química que faz a transmissão de informações de uma célula para a outra", completa o médico Luiz Augusto Franco de Andrade, chefe do serviço de neurologia da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp). "A medida que as células nervosas morrem, diminui a quantidade de dopamina", diz Andrade.

As causas da morte desses neurônios, segundo o médico, embora não sejam totalmente conhecidas, estão relacionadas à idade na maioria das vezes. Fatores hereditários e genéticos também devem ser levados em conta, embora não sejam os preponderantes. De acordo com os especialistas, fatores ambientais também podem desencadear a doença em pessoas com predisposição.

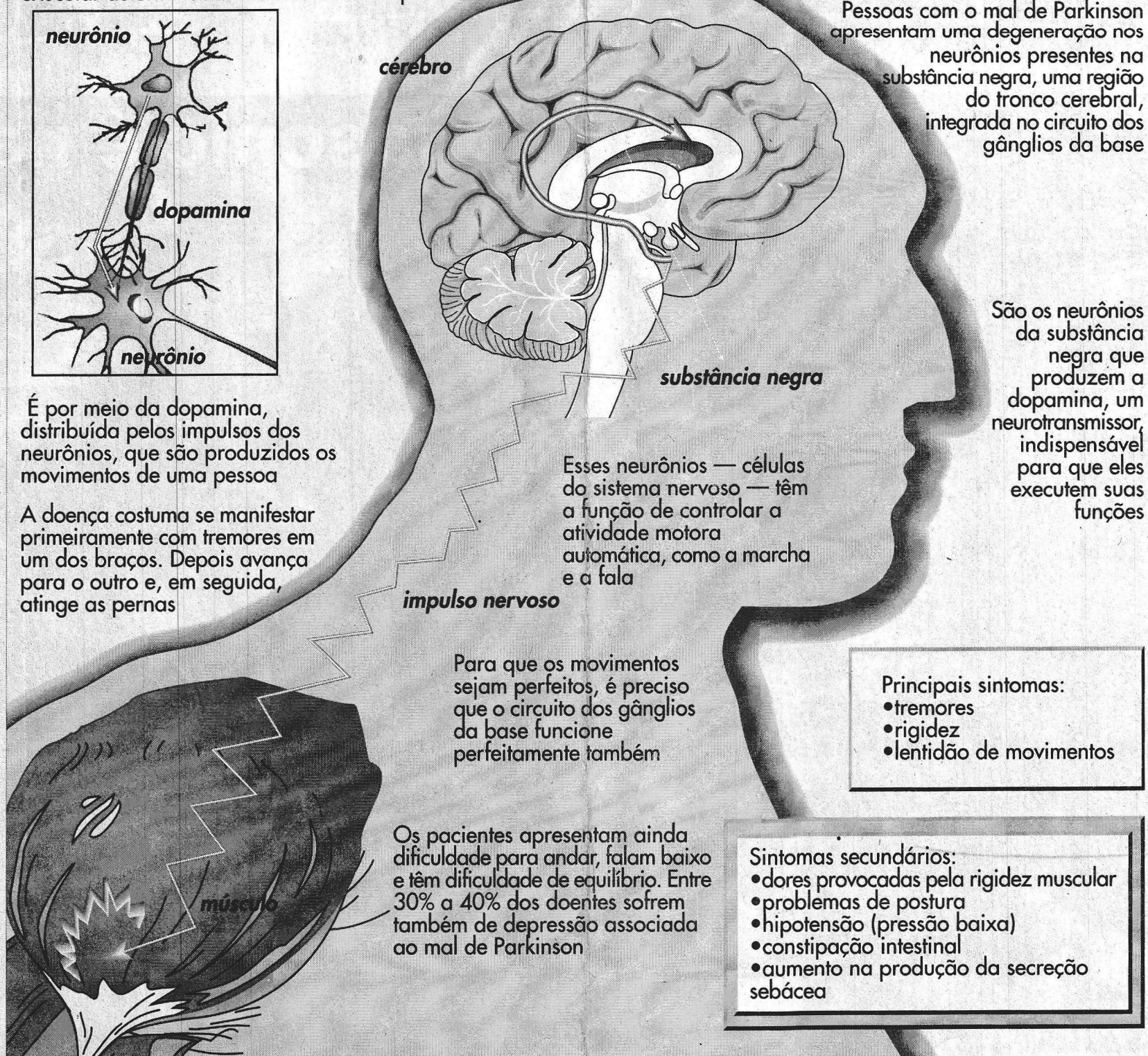
"Agressões tóxicas ou infecciosas, numa fase mais precoce da vida, também podem influenciar no surgimento do mal de Parkinson", afirma Barbosa. Segundo ele, no Estado da Califórnia, nos Estados Unidos, em 1980, foram registrados casos de jovens com quadros semelhantes ao de pessoas com a doença de Parkinson. "Descobriu-se que esse grupo, de toxicômanos, fazia uso de heroína contaminada com um produto tóxico para a substância negra, por isso o surgimento dos sintomas", diz o médico do HC.

Segundo o neurologista Andrade, existem mais de 20 doenças que dão sintomas semelhantes aos do mal de Parkinson. Dos pacientes com os sinais característicos da doença, apenas 70% sofrem do mal de Parkinson. "É um problema de diagnóstico difícil", afirma o médico da Unifesp. "Não existe nenhum exame laboratorial que comprove se a pessoa sofre do problema." Segundo ele, o diagnóstico é apenas clínico e deve ser analisado por um neurologista.

O consultor da seção de Saúde do "Estado" é o cardiologista Wagner Ibrahim, do Instituto do Coração

COMO A DOENÇA AFETA O CÉREBRO

Quem sofre de mal de Parkinson apresenta insuficiência de dopamina no cérebro e, por isso, tem dificuldade para executar determinados movimentos com precisão



Sintomas diminuem com tratamento

De acordo com a evolução do mal, para cada pessoa há uma indicação adequada

O neurologista Luiz Augusto de Andrade, da Unifesp, garante que, em hipótese alguma, a doença de Parkinson deve ser vista como algo desesperador. "Existem inúmeros medicamentos que podem diminuir o avanço do problema", assegura. Além disso, segundo Andrade, a doença não tem evolução fatal.

Alguns remédios repõem as quantidades em baixa da dopamina. Outros agem como se fossem a própria dopamina e, um terceiro tipo, impede a destruição da substância. "De acordo com a evolução da doença em cada paciente há um determinado tipo de remédio a ser indicado", diz Andrade.

Tratamentos cirúrgicos também existem, mas costumam ser aconselhados para portadores de Parkinson que não respondem bem à terapia farmacológica. As duas cirurgias mais conhecidas são a talamotomia e a palidotomia. A primeira, que melhora substancialmente o tremor, é realizada por meio de uma pequena lesão no tálamo, uma região também integrada no circuito afetado. Já a palidotomia atua na lentidão dos movimentos. Outro tipo de cirurgia, ainda em estudo, é o implante de células fetais da substância negra em portadores do mal.

Famosos — O papa João Paulo II e o boxeador norte-americano Muhammad Ali, um dos mais premiados pugilistas na categoria dos peso pesa-



Salomão, de 55 anos: "Primeira reação quando as pessoas se descobrem portadoras é de desespero"

dos, são dois portadores famosos do mal de Parkinson. Embora João Paulo II, de 76 anos, não assuma publicamente sua doença, os sinais do problema são mais evidentes a cada aparição pública: sua mão esquerda treme constantemente, mesmo em situação de repouso.

Muhammad Ali, de 54 anos, ao contrário, participa de atos públicos a favor dos portadores da doença e, em julho, durante as Olimpíadas de Atlanta, acendeu a pira olímpica, em uma homenagem dos organizadores do evento. Seu estado de saúde, porém, tem deixado a desejar. Isso em

parte porque se recusa a tomar os medicamentos prescritos para o problema, segundo uma declaração, feita no ano passado, por seu médico de então, Stanley Fahn, no jornal *Newsday*.

Além dos tremores, Ali apresenta outros sinais da doença de Parkinson: dificuldade para falar, lentidão nos movimentos, olhar ausente. "Esses sintomas não atingem todos os portadores do Parkinson na mesma proporção e podem ser comuns a uma série de outras patologias", adianta o neurologista Andrade.

Segundo o médico Egberto Barbo-

sa, da USP, para que os sintomas apareçam é necessário que "morram" 80% dos neurônios da substância negra. A boa notícia para as pessoas atingidas pelo mal de Parkinson é que essa é a doença que melhor responde aos medicamentos para reduzir a sintomatologia.

Outra boa notícia é que, segundo Andrade, não faltam remédios no País para tratar os doentes. Segundo ele, também há cirurgias habilitadas para realizar os procedimentos. "O que ocorre é que não há número suficiente para atender a demanda", afirma Andrade.

Pacientes devem procurar associação

Entidades dispõem de informações sobre os problemas e como devem ser enfrentados

Primeiro foram os tremores na perna direita, depois na mão, também direita. Os sintomas, então, atingiram os dois lados do corpo do engenheiro Jorge Carlos Francisco Salomão — na época com 40 anos de idade. Pela faixa etária, o diagnóstico de Parkinson parecia distante — a doença atinge apenas 0,5% das pessoas com menos de 50 anos —,

mas os neurologistas acertaram.

Hoje, aos 55 anos, uma cirurgia já realizada para eliminar os tremores do lado direito e às vésperas de enfrentar outra, Salomão vive sua vida normalmente. Empresário, presidente do Instituto Mauá de Tecnologia e vice-presidente da Associação Brasil Parkinson, Salomão é ainda cantor e já gravou um CD.

"A primeira reação quando as pes-

soas se descobrem portadoras da doença é de desespero, luto total", conta. Para driblar essas sensações, ele aconselha: os doentes devem procurar um neurologista quando apa-

reçam os primeiros sintomas. Outro conselho: buscar ajuda psicológica, pois a depressão também costuma acompanhar os tremores.

Segundo Salomão, os medicamentos para aliviar os

sintomas do mal de Parkinson não raro costumam dar efeitos colaterais graves. Por isso, avisa: só devem ser ingeridos mediante prescrição médica.

Salomão ressalta ainda a importância do paciente se ligar a uma associação como a Brasil Parkinson. "Lá dispomos de informações atualizadas sobre a doença, há um comitê científico para responder dúvidas e o portador do problema pode trocar idéias com outros doentes", explica.

■ Associação Brasil Parkinson: Av. Bosque da Saúde, 1155. Telefone: 5585-1872.

PÍLULAS

Depressão é associada a perda de massa óssea

NOVA YORK — A depressão pode aumentar o risco de perda óssea em mulheres, alertou um novo estudo. Na pesquisa feita com 48 mulheres com 41 anos de idade, em média, a densidade óssea — a avaliação da força dos ossos — na parte superior das pernas e quadris das deprimidas, ou que haviam tido episódios de depressão no passado, era entre 10% e 14% menor. Quando essa densidade é reduzida em mais de 10%, o risco de a mulher sofrer fratura no quadril nos próximos dez anos aumenta em mais de 40%, revelou o médico David Michelson, pesquisador clínico do laboratório Eli Lilly and Co., em Indianápolis, que conduziu o estudo no Instituto de Saúde Mental de Bethesda.

Célula ajuda a entender doença no coração

BOSTON — O mesmo processo de suicídio celular que constrói e remodela os tecidos do útero pode destruir lentamente o músculo cardíaco em pessoas com alguns tipos de doença no coração, concluíram duas equipes de pesquisadores. As descobertas, publicadas no *New England Journal of Medicine*, podem levar a formas de impedir a deterioração do tecido cardíaco, condição que afeta mais de 3 milhões de norte-americanos, com registro de 400 mil novos casos por ano. Mas, segundo os cientistas, ainda não é possível produzir tratamentos imediatos porque só agora se começa a entender o processo de morte celular programada.

Pílula aumenta risco de verruga genital

NOVA YORK — Mulheres que usam pílulas anticoncepcionais correm risco maior de desenvolver verrugas genitais. Num estudo feito com 2.500 mulheres do Edinburgh Royal Infirmary, na Escócia, os casos de verruga genital entre as que tomavam pílulas foram o dobro, quando comparados às mulheres que não tomavam anticoncepcionais orais. Essas verrugas são causadas pelo vírus do papiloma humano (HPV) e transmitidas sexualmente. O autor do estudo, J.D.C. Ross, disse que a descoberta fornece suporte para a hipótese de que as pílulas anticoncepcionais de alguma forma prejudicam a imunidade das células vaginais, tornando-as mais suscetíveis à infecção pelo HPV.

Doentes de artrite terão novo remédio

NOVA YORK — Pacientes com artrite que não toleram analgésicos por problemas de estômago em breve terão à disposição um novo remédio. Os primeiros testes com um novo tipo de drogas revelam que aliviam a dor sem causar efeitos colaterais, como úlceras, hemorragias digestivas ou outras complicações associadas aos medicamentos atuais. As drogas estão sendo desenvolvidas pela G.D. Searle & Co., Merck & Co. e outros laboratórios. Numa série de estudos com 300 pessoas, durante 6 a 12 semanas, o celecoxib, da Searle, melhorou a atividade física geral de doentes com artrite, diminuiu a dor e reduziu a inflamação, disse o reumatologista Lee Simon, da Universidade de Harvard.

Alimentação garante desempenho escolar

NOVA YORK — Se você quer fazer com que seu filho se saia melhor nas provas escolares, garanta uma alimentação "cerebral" — cereais e leite — meia hora ou uma hora antes dos testes. Essa é a conclusão de um estudo israelense, feito pela Universidade Hebraica e dirigido por Nachum Vaisman. A pesquisa incluiu 569 alunos entre 11 e 13 anos, acompanhados por duas semanas. Um terço dos garotos se alimentou normalmente em casa — chocolate e bolachinhas ou leite e cereais. Dois terços receberam cereais açucarados e leite na escola, bem antes da prova. Entre os que se alimentaram momentos antes do teste, a função cognitiva foi melhor e os resultados também.